

## O valioso tesouro do rei ou de como se escrevem metáforas

01/03/2005

Marcos Nicolau\*

### Resumo

As metáforas revelam mais do que verdades essenciais sobre a natureza humana: mostram também como o cérebro e a mente lidam com o mundo. Ao conhecermos sua estrutura operacional podemos aprender, não só a utilizá-las, mas também a escrevê-las para servirem como importantes elementos retóricos já consagrados pela literatura, pela publicidade e mesmo, pelo jornalismo científico.

### Introdução

A verdade queria entrar no palácio do sultão e, na forma de uma bela mulher com roupas transparentes, quase nua, bateu à porta. Informado de que a verdade estava ali, o sultão ficou assustado com os estragos que ela poderia causar à sua corte e a impediu de entrar. A verdade vestiu-se então com as toscas roupas dos camponeses e novamente bateu à porta do Palácio, dizendo que era a acusação. Apavorado com os constrangimentos que a acusação poderia causar aos seus, o sultão a proibiu de entrar. A verdade, decidida a penetrar naquele recinto, vestiu-se, então, com roupas e jóias belíssimas, e disse que seu nome era fábula. O sultão, exultante com o encantamento da fábula, deixou que entrasse no seu palácio...

Essa metáfora contada por Malba Tahan no livro, *Minha vida querida* (Conquista) revela-nos que por trás de uma alegoria esconde-se alguma verdade. E sua origem perde-se nos confins da história da humanidade, ressurgindo, como nos tempos atuais, com toda a força das suas revelações nas mais diferentes áreas do conhecimento humano: "A metáfora é um artifício legítimo, não apenas na literatura, mas também na ciência, na filosofia e no direito; é eficiente no elogio e na ofensa, na oração e na propaganda, na descrição e na prescrição". (DAVIDSON, 1992, p. 36).

Recurso recorrente no jornalismo científico moderno, por exemplo, a metáfora permite a compreensão de fenômenos quânticos incapazes de serem vistos ou compreendidos pelo ser humano. Como melhor demonstrar a proporção entre o átomo e o elétron senão através de uma metáfora: se o átomo fosse do tamanho do planeta terra, o elétron seria do tamanho de uma bola de tênis.

Em sua acepção geral e mais simples, a metáfora está presente no nosso dia-a-dia e participa das nossas conversas corriqueiras. As explicações, por mais detalhadas que sejam, são sempre incompletas diante da facilidade com que a metáfora revela o que realmente queremos dizer: fiquei com uma "pulga atrás da orelha" demonstra melhor a nossa dúvida diante de algo suspeito. Poderia parecer absurdo, ao invés de dizer que já temos idade para saber que algo nos parece uma armadilha, falar: "macaco velho não põe a mão em cumbuca". Mas é justamente uma relação entre as duas ações que torna clara a compreensão da nossa posição.

Porém, não basta apenas juntar ou comparar elementos diferentes. Gardner (1999, p. 143) constata isso com o exemplo retirado do poeta T. S. Elliot, que comparou a tarde espalhada contra o céu a "um paciente anestesiado sobre a mesa", através de uma eficiente metáfora entre dois elementos distintos: "... se ele tivesse escrito que as estrelas no céu eram o paciente prostrado, a metáfora teria falhado tristemente. Apenas no primeiro caso existe uma base convincente ligando os dois termos

momentaneamente; no segundo caso, nenhuma semelhança notável pode ser discernida entre os dois elementos”.

Aristóteles considerava a metáfora um sinal de genialidade e acreditava que o indivíduo que fazia essas conexões incomuns tinha dons especiais, diz Gardner (1999, p. 143) acrescentando: “A partir dessa tradição antiga surgiu uma definição prática de metáfora: a capacidade de perceber uma semelhança entre elementos de dois domínios ou áreas de experiência diferentes e ligá-los em uma forma lingüística”.

A criação de metáforas é constante entre “artesãos” da palavra, como os cantadores, repentistas e poetas populares, fazendo com elas rapidamente espalhem-se pela boca do povo e, segundo Booth (1992), uma das razões pela qual se usa a metáfora e não a linguagem comum é que ela diz mais com menos palavras, por isso enquadra-se no que Herbert Spencer detalhou como uma lei de economia estilística.

Sendo um processo de linguagem que consiste em fazer uma substituição analógica e criar uma comunicação direta, encontramos nas metáforas desde simples comparações - “esse menino é mais magro do que assobio de sagüi” -, até histórias complexas com diversos níveis de significados. Ou seja, em sentido “dicionaresco” denominamos *metáfora* essa figura de linguagem que consiste na acepção de uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que com ele mantém uma relação de semelhança: “Edmundo é animal”. Porém, a expressão, tendo como origem o sentido de *transportar* passou a designar histórias inteiras chamadas de alegorias, fábulas ou parábolas.

O conceito de alegoria refere-se mais precisamente ao modo de expressão para representar pensamentos e idéias sob forma figurada em que cada elemento funciona como disfarce dos elementos da idéia representada. Na narrativa de Malba Tahan citada acima temos esse exemplo.

Fábulas e parábolas, por sua vez, podem ser chamadas de alegorias. A fábula tem uma característica bastante peculiar: sua narrativa em prosa ou em verso usa como personagens, animais que agem como seres humanos, ilustrando, no final, um preceito moral, a exemplo da fábula de La Fontaine, A raposa e as uvas. E, por fim, a parábola é uma narrativa alegórica que transmite uma mensagem por meio de comparação ou analogia, mas que encerra preceitos religiosos ou morais. Exemplo de parábola é a história bíblica contada por Jesus Cristo sobre a volta do filho pródigo.

### **Como cérebro e mente vêem o mundo**

Em seu conhecido texto *Diálogos*, Platão demonstra que se quisermos representar o desenho de uma árvore, basta reproduzir seu caule e sua copa num espaço razoável à nossa visão. Mas, se quisermos desenhar uma árvore de um quilômetro de altura, ao usarmos a proporção natural, não conseguiremos ver a copa como ela realmente é, dada a altura em que se encontra. Será necessário, portanto, desenharmos uma copa desproporcional, praticamente com um quilômetro de largura também. Ou seja, para vermos a árvore em sua proporcionalidade teremos que deturpar a realidade.

Essa constatação é complementada pela visão de Einstein, quando este afirmou que quanto mais lógicos somos mais distantes estamos da realidade e confirmada pelas palavras de Karl Pribram (*apud* NICOLAU, 1998, p. 96): “Talvez a realidade não seja aquilo que vemos com nosso olhos”.

Isso parece se der pelo fato de que nosso cérebro não recebe as informações diretamente dos objetos. Nossos sentidos captam os estímulos, transformam-nos em impulsos nervosos que vão ser decodificados pelo cérebro. Restrito dentro da nossa caixa craniana, nada toca o cérebro. Como ele constrói a realidade através dessa

decodificação, precisa transformar os dados recebidos em linguagem que vai ser compreendida pelo consciente. Desse modo, a metáfora, a conotação e o sentido figurado facilitam essa compreensão da realidade vista pelos sentidos. (SMITH, 1990)

A metáfora, como a história, é o combustível da mente que busca a solução de problemas, diz Jeromer Bruner (NICOLAU, 1998, p. 98): "A história da ciência está repleta de metáforas. São muletas que nos ajudam a subir uma montanha abstrata. Depois que a subimos, jogamo-las fora ou as escondemos em favor de uma teoria formal e lógica que (com sorte) poderá ser afirmada em termos matemáticos ou quase matemáticos".

### **A linguagem das metáforas**

Um dos melhores estudos sobre o procedimento usado nas metáforas foi realizado por Paul Thagard, ao demonstrar como se constituem as matrizes dos elementos que compõem as analogias. Discordando de alguns teóricos que viam a metáfora como sendo um uso desviado da linguagem, Thagard (1998, p. 87) apóia-se em autores como Gluksberg e Keysar; Lakoff e Johnson para entender a metáfora como um padrão persuasivo e valioso da linguagem: "Tanto a criação de uma metáfora por quem fala quanto a sua compreensão por quem escuta exigem a percepção de uma analogia subjacente".

Citando um experimento feito pelos pesquisadores Gick e Holyoak, Thagard (1998, p. 88-89) mostrou que ao se depararem com um problema médico, apenas 10 por cento dos estudantes envolvidos encontraram uma boa solução. Por sua vez, a partir de uma metáfora, 75 por cento de outro grupo de alunos do mesmo nível conseguiram encontrar uma solução.

O problema:

"Suponha que você é um médico frente a um paciente que tem um tumor maligno no estômago. É impossível operar o paciente, mas se o tumor não for destruído, o paciente morrerá. Existe um tipo de raio que pode ser utilizado para destruir o tumor. Se os raios atingem o tumor todos de uma só vez numa intensidade suficientemente alta, o tumor será destruído. Infelizmente, nesta intensidade, o tecido saudável por onde passam os raios a caminho do tumor também serão destruídos. Em intensidades mais baixas, os raios não são prejudiciais aos tecidos saudáveis, mas eles também não afetarão o tumor. Que tipo de procedimento deve ser utilizado para que o tumor seja destruído pelos raios, e ao mesmo tempo seja evitada a destruição de tecidos saudáveis".

A metáfora:

"Um pequeno país foi submetido a regra de ferro de um ditador. Este governava o país de dentro de uma poderosa fortaleza. Esta estava situada no meio do país, rodeada por fazendas e vilarejos. Muitas estradas saíam de dentro da fortaleza como raios saem de uma roda. Um grande general apareceu e levantou um grande exército nas fronteiras jurando capturar a fortaleza e libertar o país do ditador. O general sabia que se todo o seu exército pudesse atacar a fortaleza de uma só vez o ditador poderia ser capturado. Suas tropas estavam no topo de uma das estradas que levavam à fortaleza, prontas para atacar. Entretanto, um espião trouxe para o general uma notícia perturbadora. O ditador sem raízes havia colocado minas em cada uma das estradas. As minas foram colocadas de tal forma que pequenos corpos de homens poderiam passar por elas com segurança, já que o ditador precisava mover as tropas e trabalhadores para fora e para dentro da fortaleza. Entretanto, qualquer força maior detonaria as minas. Isto não só explodiria as estradas, tornando-as intrafegáveis, como o ditador destruiria muitos vilarejos em retaliação.

Entretanto, o general não desanimava. Ele dividiu seu exército em pequenos grupos e despachou cada grupo para o topo de uma estrada diferente. Quando tudo estava pronto, ele deu o sinal, e cada grupo desceu uma estrada diferente. Todos os pequenos grupos passaram com segurança pelas minas, e o exército então atacou a fortaleza e derrubou o ditador”.

A solução:

Ao invés de utilizar um raio de alta intensidade, o médico poderia administrar vários raios de baixa intensidade em diferentes direções ao redor do corpo do paciente. Desse modo, cada um dos raios de baixa intensidade seria insuficientemente nocivo às células por onde passassem, mas, ao se encontrarem todos de uma vez diretamente no tumor, voltariam a ter a força de um raio de alta intensidade.

Essa demonstração é um exemplo de como a metáfora mantém uma relação análoga aos problemas que enfrentamos no dia-a-dia.

Por outro lado, podemos compreender como a abstração humana surgiu dessa relação de analogia que se desenvolveu a partir da observação e incorporação de representações, objetos e situações experimentadas pelos nossos ancestrais. É o que nos revela Capra (2002) ao explicar que a forma de pensamento mais lógica que temos, como o silogismo (“Todo homem é mortal; Sócrates é um homem; logo, Sócrates é mortal), tem como representação concreta uma tigela que contém dentro de si um recipiente que, por sua vez, contém uma cereja. De fato, se colocamos a cereja dentro do recipiente e ficamos sabendo que o recipiente está dentro da tigela, podemos concluir que a cereja está dentro da tigela.

A linguagem, portanto, foi o elemento fundamental que permitiu ao ser humano estabelecer e transmitir esse tipo de raciocínio. Linguagem, aliás, que tem origem também nas representações concretas. A expressão *grupo* que usamos para designar, por exemplo, um conjunto de pessoas reunidas vem do italiano *groppo*, que significa *nó*; por sua vez, essa expressão tem origem no termo germânico *krupa*, que significa *massa arredondada*. Tanto o nó quanto a massa arredondada com que se fazia pão têm a forma análoga a um grupo de pessoas reunidas em determinado espaço.

Como as metáforas são constituídas pela linguagem humana, podemos inferir com Capra (2002, p. 77) que:

Esse processo de projeção metafórica é um dos elementos cruciais da formação do pensamento abstrato, e a descoberta de que a maior parte dos pensamentos humanos é metafórica foi outro avanço decisivo das ciências da cognição. As metáforas possibilitam que nossos conceitos corpóreos básicos sejam aplicados a domínios abstratos e teóricos.

Atualmente, a partir das descobertas das neurociências sobre a fisiologia do cérebro humano passamos a perceber de forma clara a importância que o uso das metáforas têm para um melhor desempenho mental. Isso porque, segundo PREDEBOM (1998), a linguagem simbólica permite-nos usar ambos os hemisférios do cérebro, facilitando enormemente a recepção de significados. O desdobramento disso é que ao envolver as áreas emocionais que estão muito mais ligadas ao hemisfério direito com sua estrutura não-verbal, o significado adquire maior consistência e amplitude, fazendo-nos obter riqueza e variedade de percepções.

### **Como escrever metáforas**

Para que possamos construir uma metáfora, é necessário ter em mente sua consistência, seu sentido e sua funcionalidade. Como dizia Aristóteles, desta vez citado por Reboul (1998), a metáfora deve ser clara, nova e agradável, como o enigma que se

tem a alegria de desvendar, pois, é a meio caminho entre o enigma e o clichê que a figura de sentido desempenha seu papel retórico.

A estabelecermos uma verdade a ser transmitida, devemos ir a busca de uma analogia, cuja narrativa leve a compreensão ou a revelação desta verdade. A história a ser contada pode se passar em tempos antigos quando viviam reis, camponeses, guerreiros; ou em tempos atuais com personagens da nossa convivência, contanto que prevaleça algo que se constata pelo senso comum.

Apresentamos aqui dois exemplos representativos dessas duas possibilidades: um rei que ganhou de presente um cálice de diamante e um agricultor que ganhou do seu patrão um pedaço de terra. Ambas as histórias representam situações humanas bastante distintas para servirem de fundo moral. No primeiro caso, trata-se do significado de uma amizade que se rege pela lealdade; no segundo, uma demonstração de como a ação de fazer o bem transita por uma rede de relações com idas e voltas. Juntamente com elas estaremos demonstrando o processo literário que as gerou.

#### O valioso tesouro do rei

Um rei recebeu a notícia de que um amigo que governava um reino distante havia falecido deixando-lhe, em testamento, um valioso presente. Ainda abalado com a notícia, reuniu seus conselheiros e designou, entre eles aquele a quem confiaria a incumbência de fazer a jornada que traria tal tesouro.

O conselheiro escolhido, sabendo das dificuldades que encontraria pelo caminho, organizou uma caravana bem equipada e partiu. Durante meses, percorreu terras inóspitas, enfrentou saqueadores, passou até privações, mas conseguiu retornar com a presente a salvo.

Reunida toda a corte, o rei recebeu, embrulhado num manto, um pequeno baú ricamente ornamentado. Abriu-o e, para surpresa geral, retirou de dentro um belíssimo cálice, lendo em seguida a oferta do amigo rei: um cálice de diamante para um amigo que vale ouro.

Entretanto, um outro conselheiro, invejoso da façanha e do prestígio do colega escolhido para a viagem, chegou junto ao rei e sussurrou um poderoso veneno:

- Majestade, quem garante que esse é o cálice verdadeiro? E se vosso escolhido o trocou por um cálice de cristal, como sabê-lo?

Tomado pela intriga, o rei imediatamente chamou todos os sábios da corte e designou que eles dissessem como saber se aquele cálice era realmente de diamante e não de cristal. Houve um alvoroço geral. Os sábios se recolheram, confabularam, consultaram seus escritos antigos e retornaram dizendo:

- Majestade, infelizmente não existem instrumentos para identificar cristais e diamantes depois de lapidados. A única maneira de diferenciá-los seria quando se quebrassem: o cristal se parte em pequenos pedaços, o diamante, em pedaços grandes.

Diante do impasse que tomou o recinto o rei fez um gesto que chamou a atenção de todos. Pegou o cálice delicadamente e levantou-o para que todos o vissem. Em seguida, em meio ao espanto, soltou-o contra o mármore brilhoso sobre o qual pisavam.

O cálice girou sobre si mesmo e caiu vertiginosamente em direção ao assoalho, quebrando-se apenas em três partes grandes, comprovando a teoria dos sábios.

Mediante o silêncio, ouviu-se alguém comentar:

- Majestade, o senhor perdeu o cálice?!

- Mas, ganhei a certeza de que tenho um amigo de verdade – retrucou o rei. Posso colar o cálice, mas uma amizade traída não se consertaria jamais.

Para a construção dessa narrativa, foi preciso partir do princípio de que uma amizade vale mais que qualquer bem material ou tesouro, algo reconhecido pelo senso comum. A partir daí, estabeleceu-se que o fato de alguém ter um amigo e se ver numa situação de dúvida quanto a essa amizade criada por uma pessoa invejosa pode desencadear o desejo de se saber a verdade a partir de uma prova concreta. Cada um desses

elementos foi substituído adequadamente: as pessoas envolvidas foram representadas pela figura do rei e seus dois conselheiros, o amigo e o invejoso; o desenrolar da situação que leva ao desejo da prova foi substituído pela incumbência dada ao conselheiro de buscar um tesouro para o rei. O cálice passou a representar a prova da amizade – se falso, a amizade seria falsa, se verdadeiro, a amizade seria verdadeira. Ao ignorar o valor material do cálice o rei estaria optando pelo desejo de saber sobre o valor da amizade, chegando-se ao seguinte preceito moral: uma riqueza pode ser destruída, mas uma verdadeira amizade é para sempre.

Na alegoria seguinte, desta vez, passada em tempos modernos, vamos demonstrar a situação humana com a qual se quer estabelecer a analogia, para depois, relatar a história.

Sabemos que uma ação, boa ou má, põe em movimento uma carga de energia que trafega pela rede das relações humanas e das interações que existem no universo. Por isso, muitas coisas boas ou más que nos acontecem podem ser respostas àquilo que nós mesmos desencadeamos com nossas palavras ou atos.

Como representar isso numa metáfora? Primeiro constituímos alguém que vai tomar determinadas atitudes boas. Seus procedimentos desencadeiam conseqüências que essa pessoa não consegue perceber. Ela age como se o que estive lhe acontecendo fosse coisa do acaso. E, ao interromper suas atitudes, passa a vivenciar uma nova onda de reações adversas. Somente ao conferir o resultado de suas ações é que descobre o emaranhando dos relacionamentos humanos, aprendendo a lição de que fazer o bem aos outros é fazer o bem a si mesmo. Confirmamos a metáfora:

#### O irmão

Certa vez um sujeito recebeu de indenização um pedaço de terra suficientemente grande para fazer uma granja. Ele havia trabalhado durante muitos e muitos anos para um fazendeiro que, antes de morrer, deixara-lhe esta paga. Cercou a terra, construiu sua casinha e, junto com a mulher, plantaram fruteiras. Em poucos anos havia lindas e bem cuidadas frutas naquele pomar.

Um carro parou em frente a sua granja e dele desceu um senhor idoso. O homem quis comprar algumas daquelas frutas e ele as vendeu. Recebeu o dinheiro e ficou muito contente. Mas, lembrou do seu irmão que morava na cidade, numa favela, com mulher e filhos pequenos. Retirou uma parte do dinheiro, colocou num envelope junto com uma cartinha explicando tudo e endereçou ao irmão.

Dias depois, outro carro parou e um casal comprou mais frutas. Na outra semana também. O sujeito estava muito feliz em ver seus frutos atraindo tantos compradores. Mas nunca esquecia do irmão. Sempre que vendia uma boa quantidade de frutas, retirava a parte do irmão e enviava pelos correios. Em poucos meses não faltavam fregueses, quase que diariamente, parando e comprando, agora, além de frutas, hortaliças.

Certa feita um vizinho das redondezas disse que ia à cidade. O granjeiro pediu que visitasse o irmão para saber notícias. O vizinho voltou no outro dia e disse que encontrou a família do irmão muito bem. Os filhos estavam na escola, a mulher cuidava da casinha com cuidado e o irmão estava trabalhando.

Satisfeito com a situação, o granjeiro pensou consigo mesmo: já não preciso mais mandar ajuda. É hora de parar, uma vez que meu irmão está empregado. E assim o fez.

Entretanto, na medida em que os dias passavam, começava a diminuir o número de compradores de frutas. A ponto, em pouco mais de um mês, de ninguém ter parado para comprar nada. Muito arrependido, certo de que havia sido castigado por ter parado de enviar dinheiro para o irmão, o granjeiro resolveu pedir desculpas pessoalmente. Viajou até a cidade e ao chegar à casa do irmão, encontrou-o sentado na pequena varanda com ar de tristeza e desolação. Depois de cumprimentá-lo ficou sabendo o que sucedia:

- O dinheiro que você me mandava servia para alimentar minha família e ainda retirar uma parte para confecção de panfletos que eu distribuía diariamente nas redondezas. O panfleto falava da beleza das frutas da sua granja, sem agrotóxicos, naturais. Como você parou de mandar dinheiro, não pude mais fazer panfletos para distribuir...

E o granjeiro percebeu que, aquilo que ele acreditava ser um favor ao irmão era, na verdade, a fonte de crescimento do seu negócio e sobrevivência de ambas as famílias.

Para construção da metáfora, substituímos cada um dos elementos da situação, transformando-a numa narrativa: um agricultor que envia ajuda ao irmão; a partir daí seu negócio prospera. Interrompe a ajuda ao saber que o irmão está prosperando também com seu próprio emprego, mas, começa a ver seu negócio fracassar. Sem ainda ver nenhuma relação entre os fatos, vai saber do irmão e descobre que sua ação criava uma reação vantajosa para si mesmo, assim como ocorrem nas interações entre as forças do universo.

### Conclusão

Em *Psicanálise dos contos de fadas*, Bruno Bettelheim demonstrou a contribuição das fábulas para a formação da psique das crianças. Em *O tã da física* e *O ponto de mutação*, Frijof Capra buscou na filosofia oriental, mais precisamente no Taoísmo, as revelações sobre a configuração das forças do universo vislumbradas pela intuição dos antigos sábios chineses escritas de forma metafórica. E, para além do seu uso retórico, não por acaso, a arte por excelência, representante das mais revolucionárias linguagens em diferentes épocas e lugares do planeta, constitui-se de metáforas.

Elas sustentam o importante legado da história da humanidade, expondo aquilo que nos tornam verdadeiramente humanos: as virtudes e os defeitos.

Compreender o seu funcionamento é compreender, em parte, a natureza humana; participar da sua construção é perpetuar o que há de melhor no conhecimento e nos valores que todas as gerações anteriores, que todos os nossos ancestrais deixaram-nos como experiência de vida e que representam o senso comum.

Esses valores estão acima das religiões e seus interesses, além das ciências e para além das suas limitações. Afinal, constituem uma linguagem direta ao coração e à mente de crianças, jovens e velhos, através de narrativas recheadas dos saberes presentes em todas as culturas.

### Referências

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

COHEN, T. A metáfora e o cultivo da intimidade. In: SACKS, Sheldon (Org.) **Da metáfora**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

DAVIDSON, David. O que as metáforas significam. In: SACKS, Sheldon (Org.) **Da metáfora**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

GARDNER, Howard. **Arte, mente e cérebro**: uma abordagem cognitiva da criatividade. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

LOPES, Edward. **Metáfora**: da retórica à semiótica. São Paulo: Atual, 1986.

NICOLAU, Marcos. **DeZcaminhos para a criatividade**. João Pessoa: Idéia, 1998.

PREDEBOM, José. **Criatividade**: abrindo o lado inovador da mente. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SACKS, Sheldon (Org.). **Da metáfora**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

SMITH, Frank. **Pensar**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

THAGARD, Paul. **Mente**: introdução à ciência cognitiva. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

\***Marcos Nicolau** é professor e Coordenador do Curso de Comunicação Social da UFPB. Doutor em Letras pela UFPB.